

Cadernos de
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS – (54.2), Campinas, Jul./Dez. 2012

DIZERES SOBRE O FEMININO EM BLOGS DA REDE ELETRÔNICA

LUDMILA FERRAREZI*
LUCÍLIA MARIA SOUSA ROMÃO**
SORAYA MARIA ROMANO PACÍFICO***

RESUMO

Intentamos, a partir dos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, interpretar enunciados produzidos por sujeitos-internautas em blogs que supomos femininos. O sentido de movimento se faz presente na discussão teórica sobre sujeito e sentido e, na sequência, nas análises nas quais marcamos os modos de se nomear, dizer e definir mulher.

Palavras-chave: discurso; mulher; blog.

ABSTRACT

We attempted, from the theoretical framework of french Discourse Analysis, to interpret statements produced by subjects-internet users in weblogs that we consider as being women's. The movement sense is present at the theoretical discussion on subject and sense and, in the sequence, in the analyses in which we marked the ways of naming, saying and defining woman.

Key-word: discourse; woman; weblog.

1. INTRODUÇÃO: A REDE COMO UM LUGAR DE IMBRICAMENTOS

“Repetir lhe parecia essencial. Cada vez que se repetia, algo se acrescentava.” – Clarice Lispector

Interessa-nos, nesse trabalho, observar as formas de constituição da subjetividade e identidade do sujeito-mulher, considerando os efeitos de sentido inscritos em textos eletrônicos e determinados pelas mudanças na família e pelos papéis atribuídos e/ou desempenhados na conjuntura sócio-histórica atual. Para tal, propomos um percurso nos seguintes termos: inicialmente faremos considerações sobre a Internet e o weblog (ou simplesmente blog), marcando-o como lugar de imbricamentos de diferentes vozes, ou seja, como observatório da heterogeneidade constitutiva e mostrada (Authier-Revuz 1982).

* USP/FFCLRP. São Paulo (SP), Brasil. ludmila.ferrarezi@pg.ffclrp.usp.br

** USP/FFCLRP. São Paulo (SP), Brasil. luciliamsr@ffclrp.usp.br

*** USP/FFCLRP. São Paulo (SP), Brasil. smrpacifico@ffclrp.usp.br

Depois, faremos considerações sobre a noção de sujeito na teoria discursiva, anotando como ele funciona afetado pelos dois esquecimentos e pela ideologia que faz parecer evidente produzir uma escrita íntima ou muito pessoal em um ambiente público como a net. Nesse momento, faremos, também, uma varredura em alguns sentidos do/sobre o feminino com vistas a fazer falar o interdiscurso existente sobre o que é possível dizer sobre ser mulher. Por fim, procederemos à análise do nosso corpus constituído por recortes de blogs escritos por sujeitos-mulheres, dados coletados em visitas periódicas a diversas páginas eletrônicas.

2. INTERNET: DISCURSOS EM MOVIMENTO

“O que quer que conseguisse escrever seria apenas por não conseguir escrever a outra coisa” – Clarice Lispector

Apesar dos altos índices de exclusão digital, a Internet e suas inúmeras redes vêm se destacando como um (ciber) espaço de circulação de diferentes vozes e sentidos, no qual se estruturam, conforme nos diz Castells (2003a: 8), “atividades econômicas, sociais, políticas e culturais essenciais por todo o planeta.” Essa frenética pluralidade evocada pelas redes relaciona-se com a fratura das noções de homogeneidade, estabilidade e noção de ordem, que pode ser observada no âmbito pós-moderno. Dentre as várias mudanças sustentadas pela pós-modernidade e consolidadas nas redes da Internet destacamos aquelas relacionadas à concepção de tempo e espaço modernos; por meio delas, rompe-se com as noções de “aqui” e “lá”, instituindo-se uma cultura do efêmero e do volátil, já que “no universo de software da viagem à velocidade da luz, o espaço pode ser atravessado, literalmente, em ‘tempo nenhum’” (Bauman 2001: 136). Assim, no ciberespaço instável e flutuante, temos a anulação das fronteiras e do tempo, um contínuo movimento que transforma a relação dos sujeitos com o discurso e, também, com outros sujeitos. Inferimos que as mudanças apresentadas ganham ainda mais destaque ao serem consideradas parte de uma nova formação social, na qual “interatividade, caos e globalidade constituem definitivamente, caracteres paradigmáticos” (Cébrian 1999: 60) da chamada sociedade da informação, ou, sociedade em rede.

Observamos que a vocação informática e informacional (Lyotard 2004) que caracteriza a pós-modernidade, alinhada às mais recentes tecnologias de informação e comunicação, viabilizaram a emergência dessa sociedade em rede, da Internet e suas potencialidades, suscitando mudanças na materialidade discursiva e na maneira como se produzem os sentidos na teia digital. Deste modo, interessamos aqui estudar, a partir da perspectiva da Análise do Discurso, a materialidade desse ciberespaço, que é tido por nós como o “enredamento dos sujeitos que se conectam e produzem sentido” (Dias 2004: 57); assim sendo, este espaço ciber só pode ser compreendido se consideramos a historicidade das relações, a deriva do

sujeito e do sentido, que tem sua incompletude e heterogeneidade evidenciadas na rede eletrônica.

Posto isto, podemos dizer que o ciberespaço não é apenas o “espaço feito de circuitos informacionais navegáveis” (Santaella 2004: 45), no qual se consolida, para Cébrian (1999), o mercado global e a cultura planetária; para nós, ele é o espaço no qual os sujeitos constroem seu discurso de diferentes maneiras, podendo assumir mais de uma posição-sujeito, percorrer inúmeras redes e fazer circular sua voz, amarrando seu dizer a outros tantos. Cabe ressaltarmos que este (ciber)espaço está em desenvolvimento e expansão, pois, como nos diz Wertheim (2001: 163), a cada dia: “milhares de novos nós ou ‘sites’ são acrescentados à Internet e outras redes afiliadas e com cada nó o domínio total do ciberespaço aumenta.”

Considerada a “espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores” (Castells 2003b: 431), a Internet é sustentada por uma estrutura labiríntica hipertextual que a configura como uma grande rede que liga a maior parte das redes, onde, segundo Castells (2003a: 171), “cada nó está conectado a todos os outros através de uma miríade de rotas possíveis”, ou seja, não há caminhos pré-definidos para o sujeito percorrer no imprevisível labirinto virtual. Os nós de que falamos correspondem às páginas eletrônicas, imagens, sequências musicais, dentre outros elementos que são interligados pelos links, cuja função é fazer a passagem de um nó a outro (Lévy 1999). Assim sendo, através desta tessitura de links e nós, é constituída uma grande teia digital que se ramifica em várias direções de forma não-linear e em tempo real. Cabe ressaltarmos que a parte multimídia da Internet que nos permite navegar pelas páginas eletrônicas, através das conexões hipertextuais, é chamada de World Wide Web, ou simplesmente Web. (Santaella 2003). Assim, através de um clique no mouse, é dado ao sujeito percorrer de forma única seu caminho, atribuir uma ordem e (res)significação dos sentidos dispersos nos nós da rede, atualizando alguns deles em detrimento de outros tantos. A partir disso, interessa-nos observar como se dão os movimentos do sujeito que produz sentidos sobre o feminino, num (ciber)espaço em constante reconstrução. A seguir, apresentaremos algumas questões que fundamentam nossos estudos e se relacionam ao sujeito discursivo e sua constituição.

3. DISCURSO E SUJEITO: OS MOVIMENTOS NA REDE

“A representação mais exacta, mais precisa da alma humana é o labirinto. Com ela, tudo é possível.”- José Saramago

A noção de sujeito que norteia este trabalho é entendida por nós a partir da perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, não correspondendo ao sujeito individual, empírico e quantificável, tampouco ao sujeito cartesiano plenamente consciente e responsável pelo seu dizer. Sendo assim, consideramos que o sujeito é um efeito de linguagem, uma “‘posição’ entre outras. Não é uma

forma de subjetividade, mas um ‘lugar’ que ocupa para ser sujeito do que diz” (Orlandi 2003: 49). Marcamos que o sujeito do discurso pode ocupar várias posições e é a partir delas que ele produz sentidos, afetado pelo inconsciente, ideologia e, também, pela trama social e o processo histórico nos quais se insere. Posto isto, inferimos que os sentidos não estão colados às palavras e nem são transparentes, visto que, de acordo com Pêcheux (1997: 160):

as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem.

Através do mecanismo ideológico, alguns sentidos são naturalizados em detrimento de outros, fazendo parecer evidente que o discurso seja produzido de uma determinada maneira. É ainda a ideologia que faz com que o indivíduo seja interpelado em sujeito do seu discurso, através da sua identificação com a formação discursiva que o domina e que o constitui como sujeito, determinando o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição em uma dada conjuntura. (Pêcheux 1997). Sendo assim, o sujeito não é aquele que decide sobre os sentidos, não é inteiramente consciente do que diz, já que:

ele é dividido, clivado entre o consciente e o inconsciente. Inserido nesta base conceitual, o sujeito da AD se movimenta entre esses dois pólos sem poder definir-se em momento algum como um sujeito inteiramente consciente do que diz. Nesse sentido o ‘eu’ perde sua centralidade, deixando de ser senhor de si, já que o ‘outro’, o desconhecido, o inconsciente passa a fazer parte de sua identidade. O sujeito é, então, um sujeito descentrado, que se define agora como sendo a relação entre o ‘eu’ e o ‘outro’. O sujeito é constitutivamente heterogêneo, da mesma forma que o discurso o é (Mussalim 2001: 134)

Ignorando a opacidade, a falta e o inconsciente que lhe constituem, o sujeito tem a impressão de que é a origem do sentido, o dono de seu discurso (esquecimento de número 1), o qual só poderia ser enunciado da forma como ele o controla (esquecimento de número 2), esquecendo-se assim de que ele está submetido à ideologia para enunciar e de que ele o faz usando palavras que já foram ditas por outrem. (Pêcheux 1997). Ressaltamos que o esquecimento do sujeito não é voluntário, mas é fundamental para que ele se identifique com o que diz:

É assim que suas palavras adquirem sentido, é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que os sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas mas, ao mesmo tempo, sempre outras. (Orlandi 2003: 36)

Sendo assim, a memória discursiva transpassa o sujeito, sustentando a tomada da palavra; ela corresponde às formulações já-ditas e esquecidas em outros contextos sócio-históricos (Orlandi 2006), ao interdiscurso “que designa o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas em função

de relações de dominação, subordinação e contradição” (Maldidier 2003: 51). Nas tensas relações de poder em jogo na constituição do discurso, vemos que algumas redes de memória podem ser atualizadas e ressignificadas, enquanto outras são silenciadas ou esquecidas pelos sujeitos. Assim, ao navegar no espaço discursivo digital, “o sujeito se movimenta na rede do já-dado, já-dito e já-traçado por um outro sujeito, embrenhando-se em nós que já foram atados por outrem” (Romão 2006: 307) e que só lhes farão sentido se ele tiver acesso à memória discursiva em movimento na rede.

Julgamos ser o fluxo movediço a condição de dizer no espaço discursivo da Internet, que se constitui como um labirinto a ser percorrido de maneira não-linear pelos sujeitos, no qual emerge a circulação de vozes heterogêneas e justapostas de modo desordenado. Nosso interesse repousa na escuta da voz desse sujeito-navegador na materialidade da rede eletrônica, especialmente nos weblogs, ou simplesmente blogs, definidos como diários virtuais nos quais se pode disponibilizar, além de textos, uma série de recursos como imagens, sons, vídeos, etc.

Segundo Komesu (2005: 117): “o suporte material da Internet coloca o escrevente em contato com o Outro. [...] A interatividade característica do suporte é evidenciada nessa produção de escritos sobre si veiculados de maneira pública pela Internet. [...] Os blogs são redigidos para que as histórias pessoais sejam compartilhadas abertamente”. Temos, desse modo, a exposição de um mosaico de várias vozes emendadas de modo contínuo a fazer (des)enrolar um imenso pergaminho eletrônico onde estão marcadas a voz do sujeito-blogger e as outras tantas vozes de sujeitos-navegadores. As marcas do privado curvam-se diante do que escapa da esfera dos segredos particulares e passam a funcionar discursivamente como algo tecido no âmbito da coletividade, ou seja, do público que acessa o blog. Temos, assim, pegadas diversas dos passos de sujeitos implicados e afetados pelo tema ou autor do blog, pegadas estas que nos remetem ao conceito de um discurso permanentemente em construção sem outro fecho a não ser o post de cada sujeito. O efeito de fim é escamoteado e colocado em pausa, suspendendo o instante de acabamento e criando a ilusão de um gerúndio contínuo, a qual é sustentada pelo movimento de sujeitos em trânsito, conforme nos conta Romão (2006: 312):

Várias vozes entram no blog para comentar (comments) dados pessoais, enviar contribuições, dicas, orientações (post), endereçar fotografias, polemizar sobre certo assunto e provocar o riso por meio de brincadeiras. Esse jogo de movimentos é o que torna a página atraente, criativa e marcada pela disputa, tensão ou graça (inexistente no antigo diário, no qual se cria o efeito de monofonia), posto que a fronteira entre as vozes se camufla sob o efeito de a continuidade interminável de dizeres sobre certa pessoa, questão, tema etc.

Considerando as várias vozes que entram no blog, somos levadas a dialogar com o conceito de heterogeneidade desenvolvido por Authier-Revuz (1982), a partir do conceito bakhtiniano de polifonia. Para a autora:

(...) Um enunciado vivo, significativamente surgido em um momento histórico e em um meio social determinado, não pode deixar de tocar em milhares de fios dialógicos vivos, tecidos pela consciência sócio-ideológica em torno do objeto de tal enunciado. (Authier-Revuz 1982: 113)

E é a partir disso que Authier-Revuz (1982) sustenta que a heterogeneidade é constitutiva do dizer, seja ela mostrada (quando há marcas explícitas de uma voz alheia, tais como aspás, citações, discurso indireto) ou, constitutiva, que traz, sempre, tantos fios dialógicos que perpassam e costuram a trama enunciativa. Sendo assim, em meio ao ir e vir de sujeitos e sentidos heterogêneos, que sustenta a produção dos discursos, interessam-nos aqueles constituídos nos blogs de/sobre mulheres. Marcamos que tais blogs podem ser uma interessante materialidade para investigar a produção de sentidos sobre o feminino, sobre o interdiscurso já-dado historicamente a respeito do que é ser mulher, promovendo a retomada e repetição do mesmo e, também, inaugurando outras formas de enunciar sobre tais objetos, como será analisado a seguir.

4. ANÁLISE DISCURSIVA DO SUJEITO-MULHER E DOS SENTIDOS DO/SOBRE O FEMININO

“Mas agora, tirada das coisas a camada das palavras, agora que perdera a linguagem, estava enfim em pé na calma profundidade do mistério.” – Clarice Lispector

Iniciamos esta análise discursiva, marcando que o nosso corpus foi constituído por recortes de blogs de sujeitos-mulheres¹ em que apareciam e se repetiam dois significantes, quais sejam, “mulher moderna” e “Amélia”. Em torno deles, bordamos nosso texto e o tecido de estranhamentos e interpretações, pontuando a existência da multiplicidade de sentidos sobre a mulher na rede eletrônica inscritos por sujeitos-mulheres que dizem de/sobre si e o mundo, compartilhando com outros sujeitos (des)conhecidos fragmentos do que seria nomeado como a sua vida ou a sua privacidade. A “mulher moderna”, nos vários blogs, é discursivizada como aquela que se desdobra para realizar muitas atividades, que vivencia diferentes papéis e identidades, e que se estende para dar conta de demandas cotidianas. Veremos os recortes que se seguem:

Mãe, esposa, filha, amiga, assistente social, insana, correta, alta, que fala o que pensa, ama a vida e a Maria Ísis. [a filha] (A insustentável... 2009. Apresentação do blog).

Gabi é mãe, esposa, dona-de-casa, executiva, fotógrafa amadora, escritora de gaveta, decoradora de meia tigela, arquiteta de merda e mais um monte de coisas [...] (Uma mãe... 2009. Apresentação do Blog)

¹ Mantivemos, na apresentação dos recortes dos blogs, a sua grafia original.

Uma mulher na casa dos trinta (por pouco tempo), mãe pela primeira vez, batalhando muito para se realizar em vários campos da vida: afetivo, profissional, emocional. Uma mulher e mãe aprendendo muito com seus erros e acertos. (Mulher e... c2009. Apresentação)

34, a caminho dos 35, corpinho sob forte efeito da gravidade, mãe do João, quase 3, casada com o Ale há 7. Sou engenheira, adoro números. (Mulheres... c2009. Apresentação)

ser mulher, mãe, amiga, esposa, profissional, namorada... somos muitas e as vezes não conseguimos ser tudo...(Nini...2009. Post: 6/5/09)

Eu me desdubro em muitos papéis. No meu caso, me enrolo em muitos papéis. Sou empresária, dona de casa, jornalista, namorada, amante. (Pra rir... 2009. Post: 18/05/09)

Os recortes acima nos dão pistas da maneira como o sujeito-mulher coloca em discurso uma diversidade de modos de dizer de si, ora anotando a profissão que ocupa (“engenheira”, “escritora de gaveta... arquiteta de merda”), ora ressaltando o estado civil (“casada”), ou situando o marido e o filho (“casada com o Ale há 7 anos”, “Maria Ísis - a filha”, “mãe, “mãe do João”). A regularidade como o signifiante “mãe” aparece e retorna é um indício de como a condição de ser mulher está colada aos sentidos dominantes de maternidade, procriação e prole, tão repetidos sócio-historicamente quando a mulher cabia apenas no universo do lar. Os efeitos de trabalho e de realização pessoal também enovelam outra repetição, no entanto, como sabemos pela teoria discursiva, os modos de dizer são variados já que a ideologia interpela o indivíduo em sujeito de um modo sempre singular. Dizer “me desdubro” não é o mesmo que dizer “me enrolo em muitos papéis”, visto que não podemos tomar estas expressões como um jogo de sinonímia, mas como sentidos dispostos em movimentos de contraste.

Na primeira formulação, o sujeito coloca-se na posição de mulher desdobrável, ou seja, que tem o efeito da flexibilidade como grande atributo, posto que o feminino teria como propriedade a maleabilidade e a versátil condição de ser capaz de realizar diferentes tarefas, sentido este tão caro ao sistema capitalista, a uma sociedade competitiva, como a que vivemos, que valoriza o sujeito que se desdobra, que ocupa várias posições, que consegue soluções para os mais variados problemas. Na segunda, o sujeito enuncia que se enrola, o que nos permite marcar o acesso a outro campo do interdiscurso, isto é, aquele em que os papéis assumidos têm um ônus, promovem algo confuso e comprimido, a ponto de deixar o sujeito enrolado e, como podemos interpretar pela memória discursiva, estar ou ser enrolado significa um sujeito atrapalhado, embrulhado, que não arca com suas responsabilidades; logo, faz circular sentidos não valorizados, socialmente. Há ainda outro enunciado que chama a nossa atenção em que o efeito de trabalho é dito do seguinte modo: “batalhando muito para se realizar em vários campos da vida: afetivo, profissional, emocional.”. O “batalhando muito” faz falar que não é nada fácil ocupar o lugar de quem busca a realização em tantos campos e de modos tão diversos. Mais uma vez, a memória discursiva faz ecoar junto ao signifiante “batalhando” sentidos de luta, de guerra, de algo pesado demais para o sujeito que enuncia.

Essa discussão nos conduz a uma questão que tem sido objeto de estudo daqueles que se dedicam à linguagem, a saber: a questão da identidade em relação às práticas de linguagem. Vamos a ela. Segundo Grigoletto (2006: 15):

É também corrente, nessas análises, focalizar os sujeitos como identidades fragmentadas e proteiformes, em constante mobilidade num mundo (pós-moderno, midiático) em que as referências são cada vez mais cambiantes e fragmentadas e no qual os modelos fixos e perenes deixaram de existir.

Parece-nos fácil compreender que aquela identidade construída, outrora, para a mulher, qual seja, a de uma mulher cujo papel era ser a dona e rainha do lar, cuidar dos filhos e do marido, dedicar-se, exclusivamente, ao espaço doméstico (Pacífico; Romão, 2008), deslocou-se para o espaço público, lugar antes permitido somente para os homens, tal como numa guerra ou batalha, donde ousamos interpretar que o uso do significante batalha, marca, pela linguagem, a identificação da mulher do século XXI com os papéis masculinos que, hoje, já não se restringem a uma questão de gênero, o que marca, conforme Grigoletto (2006), a fragmentação e a mobilidade das identidades, na pós-modernidade.

Seguindo essa análise, podemos dizer que os posts materializados nos blogs acima inscrevem vários modos de as mulheres se nomearem e se definirem ao sabor do que a ideologia faz parecer natural e evidente na posição que elas ocupam. Desse modo, cada dizer é único e aparece, na rede eletrônica, justaposto em uma sequência que não comporta uma ordem seletiva organizada. Ou seja, a voz do sujeito vai mesclando-se com a de outros sujeitos ao sabor da navegação, dos movimentos de acesso on-line. Assim, os dizeres formam um torvelinho espiralado sem medida outra que não seja a rede associativa, a fragmentação de pedaços de dizeres, o registro do que sobrou de um momento de acesso. Flagramos, nos recortes acima, o seguinte enunciado: “somos muitas e as vezes não conseguimos ser tudo”. Aqui na posição de potência feminina, o sujeito marca que apenas “às vezes” nós – no caso, a ilusão da evidência faz o sujeito enunciar em nome de todas as mulheres – não conseguimos ser tudo, fazer tudo, assumir o todo. Se isso só acontece “às vezes”, é porque sempre fazemos tudo, o que nos convoca a interpretar que o uso do advérbio aqui (d)enuncia o modo como a mulher se representa, no caso, poderosa.

Chama-nos a atenção, também, o uso de “tudo”, que instala no enunciado a insustentável e impossível busca do sujeito pela completude, seja da ordem da linguagem, seja da ilusão de poder ser um sujeito completo, que tudo faz, tudo compra e todas as tarefas realiza. Observamos que, nos mesmos blogs, diferentes posições-sujeito estão em funcionamento; nos recortes abaixo, reproduzimos dizeres que fazem falar as qualidades da mulher nomeada como moderna, que trabalha fora, é independente e vai além daquela que é ‘apenas’ dona de casa, esposa e mãe, o que nos leva a constatar, novamente, a não-rigidez identitária do sujeito pós-moderno, que ora identifica-se com um sujeito batalhador; ora, com um sujeito “frágil, sensível, dependente”, que deseja ser Amélia, como foi a mulher, antigamente, conforme veremos nos recortes a serem analisados, os quais ressaltam a heterogeneidade que constitui sujeitos e sentidos.

Quando se ouve a palavra MULHER logo vem na cabeça à figura de alguém frágil, sensível, dependente. Mas isso é só aparentemente. Na verdade a mulher moderna tem dado a volta por cima. Ela não é mais apenas a mãe, a dona de casa, que cuida do marido e dos filhos, totalmente submissa. Ela é inteligente, dona do seu próprio nariz, trabalha, estuda, sai com as amigas, é independente e consegue ser o pai e a mãe dentro de casa. Com o passar dos anos a mulher foi conquistando seu papel na sociedade, ela foi criando o seu próprio destino. Antigamente as mulheres cresciam e só tinham a certeza de que iriam casar, cuidar da casa, ter filhos, e pronto. Felizmente isso mudou. Hoje elas traçam o seu futuro, elas escolhem que caminhos querem seguir. Não são obrigadas a ter um marido. Elas conquistaram seu espaço.[...] Acho que já está bem claro que a mulher consegue trabalhar em qualquer profissão, ela não é mais a dona de casa boba, que sabe apenas pilotar fogão e cuidar dos filhos (Mulher...2009. Post: 5/6/09)

Mulher que não tem carreira, que não busca estar bem estabelecida profissional e financeiramente perde muito tempo com homem. Nada pior que se tornar dependente, quantas amigas suas, após se separarem ficaram na merda? Alooow!!! Séc. 21, mulheres precisam ganhar bem, serem independentes e livres, leves e soltas. (Fernanda 2009. Post: 19/03/09)

Tem muita mulher que qto mais velha, mais besta, burra e idiota fica. Não tem um objetivo na vida, ou seja o Glamour da maturidade não chega a sua alma e ela passa a se contentar com uma vida vazia, muitas vzs a sombra do marido... (Mamãe coragem... 2009. Post: 10/7/09)

O efeito de igualdade entre os sexos sinaliza um outro modo de estar na linguagem, implicador de uma outra relação de forças na trama social com a mulher no papel de quem reivindica; tudo isso, provoca-nos a tematizar o político na relação do sujeito com a linguagem. Temos, nesses recortes, marcas linguísticas que nos apontam duas temporalidades, o “antigamente” e o agora, que estão postas como campos semânticos em oposição. Ao marcar “Na verdade a mulher moderna tem dado a volta por cima. Ela não é mais”, o sujeito territorializa um tempo em que a mulher foi apenas “a mãe, a dona de casa, que cuida do marido e dos filhos, totalmente submissa”. A marca de negação implica um efeito de ruptura e de início em que é possível ser de outro modo, romper com o estabilizado deslocando sentidos e passando da condição de “dona de casa boba” para “dona do seu próprio nariz”. A expressão “ser dono do seu nariz” é popularmente empregada com o sentido de ter autonomia e independência, no caso, essa memória discursiva é colocada em funcionamento para acionar o que o sujeito-mulher atribui como uma conquista não apenas sua, mas de todas as mulheres: “elas traçam o seu futuro, elas escolhem que caminhos querem seguir. Não são obrigadas a ter um marido. Elas conquistaram seu espaço[...]”. No entanto, como analistas do discurso, estranhamos a formulação “Acho que já está bem claro que a mulher consegue trabalhar em qualquer profissão”.

Podemos escutar aqui que onde o sentido está “bem claro” é o lugar em que a ideologia promove o apagamento de outros sentidos; também, ressaltamos que se está tão claro do modo como o sujeito marca, não precisaria ser dito. Ou seja, se foi preciso dizer da clareza, é porque a opacidade crava aí sua marca de não-evidência, o que combina com o recorte “as mulheres precisam ganhar bem,

serem independentes e livres, leves e soltas”. Se elas precisam, temos algo que ainda não foi feito nem conquistado, posto que está por vir; isso faz falar aqui o efeito de imperativo e também de não realização, o que implica o sentido de que as mulheres não ganham bem ainda, tampouco conseguiram ocupar a posição de liberdade e leveza que o recorte anterior prenunciava com a clareza opaca dada pelo processo de interpelação ideológica.

Por outro lado, instaurando uma luta de vozes, os sujeitos, na posição de “blogueiras”, instalam também efeitos de dificuldade e impedimento em/de serem “mulheres modernas”, visto que, isto acarretou um acréscimo de obrigações a serem cumpridas. Os recortes que se seguem indiciam esse funcionamento discursivo.

Cadê o manual de instruções da mulher moderna? Aquela mulher que tem que ser esposa, mãe, profissional, amiga, irmã, filha, pessoa e, não se esqueçam!, amante. Aquela mulher que desempenha todos os seus papéis com incrível perfeição porque as cobranças são muitas e todos querem o seu melhor. E tem mais, se você não o der, é taxada de irresponsável, displicente e sem amor. (Caminho...2009. Post: 1/4/09)

Ser mulher moderna cansa... são muitos afazeres e preocupações, acho um pouco demais! (Mamãe... c2009. Post: 29/2/08)

Correr, preocupar-se, desdobrar-se vencer o dia, e ainda chegar em casa checar a tarefa, supervisionar o banho, fazer mil e uma perguntas sobre o dia de seu filho, sentir-se culpada por não ser mais presente [...] e acabar adormecendo ali, na caminha de solteiro ou do lado do berço, cansada (Nini...2009. Post: 6/5/09)

Há 30 anos atrás, nossas mães estavam casando, tendo filhos, cuidando da casa e do marido. 30 anos depois estamos cuidando disso tudo e ainda trabalhamos uma média de 8-10 horas por dia, ficamos presas no trânsito, e ainda temos que ter a competência de “resiliência” e equilíbrio pessoal e ter corpo perfeito (não podemos esquecer de ir à academia!) E o sentimento de culpa que vivemos? Nos sentimos culpadas por não ter dado atenção ao marido, culpadas por não visitar os pais no final de semana, culpadas por sair “no horário” do trabalho, e assim vai.... (Diário...2009. Post: 3/4/09)

Ser mulher hoje não tá fácil! Nossa, às vezes paro no final do dia para fazer uma breve avaliação do que aconteceu desde o momento que abri meus olhos. Cada vez que paro vejo como as coisas mudaram, me apavoro muito, afinal, o fato da inserção da mulher na sociedade, mercado de trabalho, igualdade de direitos e deveres, de algum modo nos está transformando em neuróticas híbridas. [...] Somos julgadas o tempo todo, como mães (quando nossos filhos erram), como profissionais (quando algo dá errado), como mulheres (se a barriga não está durinha o suficiente, ou se não temos as curvas da Juliana Paes)... pelo amor de Deus, somos humanas! [...] Bom, ser mãe em tempos modernos, é ter perna depilada e perna não depilada, ser mulher em tempos modernos, é ler no banheiro enquanto escova os dentes, ou enquanto prepara a comida, é fazer musculação para trocar o pneu e usar cinta- liga de couro, para que os homens não prefiram bonecas infláveis. (Colcha...2009. Post: 1/7/09)

A vida está cada vez mais corrida e o Lucca cada vez mais terrível, exigindo atenção a cada segundo. Trabalhar fora, casa pra cuidar e arrumar, filho levado, marido até que paciente e bonzinho, graças a Deus, cachorro mimado e carente...como dar conta de tudo? Basta ser mulher... rs. (Nascendo... 2009. Post: 9/4/09)

A referência ao “manual de instruções” já traz indícios de um saudosismo de uma época em que a mulher seguia a cartilha dos bons costumes, bons modos, como ser boa esposa e mãe, enfim, a ideologia fazia parecer natural que todas as mulheres ocupassem uma fôrma, que tivessem os mesmos comportamentos a fim de atender a um imaginário social do que significava ser mulher. Acontece que, nos séculos anteriores, no caso destes blogs, a referência a meados do século XX, havia a ilusão de que as expectativas para a mulher eram restritas às lições de casa e da igreja, ou seja, havia um olhar controlador. Hoje, numa direção oposta e num ritmo frenético, há várias cobranças sofridas pelas mulheres, dentro e fora de casa, pois além de boa mãe, esposa e amante dedicada, ela deve estar em boa forma, ser inteligente, bem-sucedida, profissionalmente, entender de moda e de etiqueta. Em meio a isso tudo, as blogueiras expressam um sentimento de culpa, por não conseguirem responder às inúmeras tarefas impostas pelos outros. Conforme Coracini (2006: 137):

Não é sem razão que Bauman (2000[2001, p.16-22]) afirma que estamos na era do pós-panóptico ou do sinóptico - um indivíduo que se vê controlado por múltiplos olhares – e não mais na era do panóptico tão discutido por Foucault (1975), em que um controlava vários indivíduos ao mesmo tempo, em que os indivíduos eram submetidos a uma vigilância organizada e coordenada na prisão, na escola, na família. Hoje, a multiplicidade de olhares e a sua volatilidade dificultam esse controle, ao mesmo tempo em que exercem uma vigilância ainda maior, embora imperceptível, subliminar.

Essa citação esbarra em outra questão que consideramos crucial: a relação da identidade com a alteridade. Sabemos que sempre há o outro/Outro atravessando a constituição de sujeitos e sentidos e que esse outro, real ou imaginário, afeta a identidade do sujeito. No século XX, tínhamos a ilusão de que havia um outro que controlava e vigiava a mulher; hoje, como podemos analisar pelos sentidos que circulam nos blogs, existem muitos outros que cobram, vigiam e controlam a mulher, que vão desde a indústria de cosmético, a moda, o mercado de trabalho, até a família. O cuidado dos filhos, da casa, do marido e o trabalho fora de casa, dentre outras atividades, foram nomeados como parte da rotina dessas mulheres na qual os sentidos de esgotamento e frustração combinam-se.

No entanto, diante deste quadro, apontamos relatos de mulheres que, mesmo com todas as dificuldades, não pretendem abandonar a sua atividade profissional, considerando-a importante para sua independência e também realização pessoal, tanto quanto ser mãe e esposa. Esta mulher vê como necessária sua vivência fora de casa, mas também, aponta o prazer proporcionado pelas atividades realizadas no contexto familiar:

Mas o tempo passou e eu resolvi que, apesar de ser jornalista, queria também ter uma casa bonitinha, queria sentir o cheirinho do bolo assando na cozinha lá de casa, queria comprar flores, queria fazer uma comidinha gostosa, colocar um lençol cheiroso na cama [...] uma das minhas maiores satisfações nos últimos tempos, é ver como tem crescido o movimento em defesa das casinhas bonitas e cheirosas, dos bolos fofinhos e das mulheres felizes sem ter que dar satisfação a ninguém. É ou não é uma revolução? (Bicha...2009. Post: 1/7/09)

O “movimento em defesa das casinhas bonitas e cheirosas, dos bolos fofinhos e das mulheres felizes”, apontado no último recorte, remete-nos ao ideal da boa esposa, dona de casa e mãe, centrada no âmbito doméstico e familiar, que vigorou, predominantemente, até meados da década de 1960. Em muitos relatos presentes nos blogs, observamos que a sobrecarga de tarefas e responsabilidades vivida pela mulher moderna suscitou um desejo, em muitas delas, de voltar a ser como aquela mulher:

Cansei de ser moderna...Gente, raciona comigo... Se estivéssemos vivendo há cinquenta anos atrás, eu estaria nesse momento lendo uma revista feminina, com dicas de como tirar manchas de vinho das toalhas de renda e engomar colarinhos da camisa do meu marido... Teria uns quatro filhos, e, com minha idade (28 anos), já seria considerada uma respeitável senhora, bem casada e com filhos para educar... Por volta das 6 horas da tarde, meu marido chegaria do trabalho, e, como hoje é o último dia do mês, traria o pagamento para casa, pagaria as contas do lar, deixaria o dinheiro para que eu pagasse o armazém e assim pudesse comprar mantimentos para o próximo mês. Certamente daria dinheiro para que eu comprasse tecido para a confecção das roupas das crianças, eu ganharia um vestido e coisas desse tipo... Eu já estaria com a janta pronta, a casa em ordem, os filhos limpos e sentados à mesa... Jantaríamos e íríamos para a sala conversar sobre os acontecimentos do dia... Talvez recebéssemos a visita de algum amigo da família, que estenderia a conversa para até mais tarde. Voltemos à 2008: *Eu tô desempregada e assustada com a situação, pois me sinto na obrigação de dividir o sustento do lar com o meu marido. Porque?? Porque eu sou uma mulher moderna... Mulheres modernas tem renda própria e se sustentam numa boa e, desde que perdi meu emprego, nossa renda mensal caiu exatamente pela metade. *Eu já tô à beira dos 30 e não tive um filho ainda!!! Meu relógio biológico está gritando!!! Mas todos me dizem que não há com o que se preocupar, hoje em dia é tudo muito MODERNO...*Quando eu tiver um filho, sei que não posso me dar ao desfrute de ficar em casa e criar a criaturinha do jeito que eu quero. Porque???? Porque eu sou uma mulher moderna, oras...*Ainda quando eu tiver um filho, vou ter que me dividir entre a maternidade, os estudos (sim, pessoas modernas nunca param de estudar), o trabalho (sim, mulher que é mulher e moderna trabalha fora o diiiiia todo), a administração do lar (há! mulher que é mulher cuida da sua casa como ninguém... ele lembra da posição dos talheres na gaveta como se jogasse batalha naval com o além) e ainda, e não menos importante, terei que estar linda, sexy e selvagem para o maridão... (porque mulher que é moderna tem um apetite sexual de fazer inveja às redatoras da revista Nova) [...] A partir de agora, eu sonho com um mundo antigo, onde somente o marido, chefe da família se preocupa com o sustento do lar...Um mundo maravilhoso, onde dobrar meias, procurar piolhos em crianças, engomar colarinhos com maiseira e ouvir receitas no programa culinário do rádio sejam minha única preocupação...Um mundo incrível, em que as pessoas te parabenizam por estar grávida, mesmo sendo seu décimo filho, ao invés de ficarem dizendo: “vixi, vc vai ver só o trabalho que dá”, “menina, vc é louca, vai curtir sua vida”...Eu quero viver em 1958!!!!!!! Quero usar pó-de-arroz!!!! (Mamãe...c2009. Post: 29 fev. 2008)

Com o uso dos verbos no futuro do pretérito (teria, estaria, daria...), o recorte acima cria o efeito de sentido de imaginação, o sujeito produz seu dizer a partir de um lugar hipotético, é levado para o mundo da fantasia, como se a tão criticada vida das Amélias pudesse ser hoje um conto de fadas, lugar desejado para a mulher do século XXI que se desdobra, batalha, tem de viver em boa forma, tanto no espaço público, quanto no privado. Tais sentidos são corroborados pelos sujeitos que produziram os recortes abaixo:

Carmine disse...

Eu também queria estar nos anos 60!!!!Era tudo tão fácil, buáááá....(Mamãe...c2009. Post: 29 fev. 2008)

Mamãe Pati e Bebê disse...

Simplesmente AMEI seu texto... rs Eu sempre fui a favor da Amélia...rs Porque ou se cuida de uma carreira ou se cuida de um lar... rs Senão a mulher se acaba... rs Esse papo de ficar selvagem depois de cuidar do trabalho profissional, casa, filhos e ainda estar ali prontinha pro marido...rs isso é impossível... rs (Mamãe...c2009. Post: 29 fev. 2008)

Chega!! Eu quero alguém que pague as minhas contas, abra a porta para eu passar, puxe a cadeira para eu sentar, me mande flores com cartões cheios de poesia, faça serenatas na minha janela [...] descobri que nasci pra servir. Cês pensam que eu tô ironizando? Tô falando sério! Estou abdicando do meu posto de mulher moderna. Troco pelo de AMÉLIA. Alguém se habilita?(Amélia...2009. Post: 02/06/09)

Aí, meu filhote nasceu e pude me entregar totalmente àquele momento sem precisar me preocupar com a volta ao trabalho ou em procurar creche. E o melhor: ele estava sob os melhores cuidados que poderia ter: os da mãe. E foi aí que eu assumi completamente e aceitei com prazer meu momento Amélia. Porque era exatamente isso, um momento. Eu apenas estava me dando o prazer, depois de tantos anos de trabalho, de poder cuidar da minha melhor produção na vida, sem deixar de ser quem eu sempre fui. [...] Claro que devo isso também ao fato de ter um companheiro que me dá toda a segurança e tranquilidade para deixar de lado toda uma vida de trabalho, mesmo que momentaneamente. Contudo, a vida é uma caixinha de surpresas, e aos 8 meses do nascimento do primeiro, eu engravei novamente (Amélias 2009. Post: 24/02/09)

Assim sendo, diante das dificuldades e desafios impostos às mulheres, várias “blogueiras” se manifestaram como favoráveis a ocuparem a posição de “Amélia”, a “mulher de verdade” que, a partir da canção de Ataulfo Alves e Mário Lago, composta na década de 1940, foi tida como sinônimo de mulher submissa, servil, dedicada exclusivamente aos filhos, ao marido e à sua casa, sentidos estes legitimados pela formação discursiva dominante, naquela época, para o feminino.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Sua natureza desconhecida fosse mais poderosa que sua liberdade.”- Clarice Lispector

A partir dos recortes apresentados, puderam ser observados dizeres de mulheres que constroem sua identidade de diferentes maneiras, retomando ou ressignificando representações sobre o que é ser mulher, dadas pelo arquivo (Pêcheux 1997). De um lado, temos os dizeres que significam as mulheres a partir de uma perspectiva biológica, para marcar características que seriam inerentes à sua feminilidade, à identidade feminina, assim como funções e papéis que deveriam ser realizados por elas; de outro, há sentidos que a significam e valorizam como indivíduo, a partir da década de 1960, constituindo um modelo a ser seguido por mulheres que se libertariam das amarras que as prendiam às exclusivas obrigações com sua casa, os filhos e maridos.

Entretanto, além dos sentidos de exaltação da “mulher-moderna”, pudemos observar também, um movimento contrário, pelo qual o ideal de “boa esposa, mãe e dona de casa” passou a ser almejado e valorizado, em um contexto de sobrecarga de tarefas e papéis assumidos pela chamada “mulher moderna”. Neste âmbito, termos como “Amélia” foram retomados com sentidos de saudosismo, representando o desejo de o sujeito-mulher moderna “desocupar” o lugar de batalhadora, de profissional bem-sucedida, de mãe e esposa participativas e ativas, de sempre linda e nova mulher, tão oprimida quanto o era a “boa mulher” das décadas anteriores à de 1960. Ressaltamos a possibilidade de a rede eletrônica ser utilizada como ferramenta de escuta dos dizeres enunciados por essa mulher da pós-modernidade, através de recursos como os blogs, pelos quais ela pode construir sentidos sobre si e os outros.

Por fim, destacamos que, pelas análises encontramos nos discursos um maior imbricamento de formações discursivas, o que lhes confere maior heterogeneidade, que pode estar relacionada a um processo identitário fragmentado, como discutimos. No bojo disso, temos a alteridade inter – ferindo a constituição do sujeito, que se vê, a todo momento, vigiado, cobrado e dividido em meio a tantos outros que gritam em sua volta, cujas vozes se cruzam, se confundem e atormentam o sujeito que insiste na busca pela completude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A insustentável leveza de ser mulher. (2009). Disponível em: <<http://veronicaguimaraes.blogspot.com/>>. Acesso em: 5 jul. 2009.
- AMEHLIA digital! (2009). Disponível em: <<http://amehliadigital.blogspot.com>>. Acesso em 10 jul. 2009.
- AMÉLIAS. (2009). Disponível em: <<http://inblogs.com.br/amelias/>>. Acesso em: 10 jul. 2009.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. (1982). Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. DRLAV Revue de linguistique. 26.
- BAUMAN, Zigmunt. (2001). Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BICHA fêmea. (2009). Disponível em: <<http://femeablog.wordpress.com/>>. Acesso em: 5 jul. 2009.
- CAMINHO de duas. (2009). Disponível em: <<http://caminhodeduas.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 jul. 2009.
- CASTELLS, Manuel. (2003a). A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. A sociedade em rede. (2003b). São Paulo: Paz e Terra. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v.1).
- CÉBRIAN, Juan. Luis. (1999). A rede: como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação. 2 ed. São Paulo: Summus.

- Colcha de retalhos. (2009). Disponível em: <<http://amnoteatrodepalavras.blogspot.com/>>. Acesso em: 26 jun. 2009.
- CORACINI, Maria José. (2006). Identidades múltiplas e a sociedade do espetáculo: impacto das novas tecnologias de comunicação. In: Izabel Magalhães, Marisa Grigoletto & Maria José Coracini (Org.). Práticas identitárias: língua e discurso. São Carlos: Claraluz.
- DIÁRIO pessoal da mulher moderna. (2009). Disponível em: <<http://diriopessoaldamulhermoderna.blogspot.com>> Acesso em: 5 jul. 2009.
- DIAS, Cristiane. Pereira. (2004). A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo HIV. Tese (Doutorado)- Universidade Estadual de Campinas.
- FERNANDA. (2009). Disponível em:<<http://nandacastanho.blogspot.com>>. Acesso em: 24 jun. 2009.
- GRIGOLETTO, Marisa. (2006). Leituras sobre a identidade: contingência, negatividade e invenção. In: Izabel Magalhães, Marisa Grigoletto & Maria José Coracini (Org.). Práticas identitárias: língua e discurso. São Carlos: Claraluz.
- KOMESU, Fabiana. Cristina. (2005). Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. In: Luiz Antônio Marcuschi & Antônio Carlos Xavier. (Orgs). Hipertexto e gêneros digitais. 2. ed. Rio: Lucerna.
- LÉVY, Pierre. (1999). Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34.
- LYOTARD, Jean- François. (2004). A condição pós-moderna. Tradução de Ricardo Correa Barbosa. 8. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- MALDIDIER, Denise. (2003). A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes.
- MAMÃE, bebê & cia. (c2009). Disponível em: <<http://www.amulhermoderna.blogspot.com>>. Acesso em: 5 jul. 2009.
- MAMÃE CORAGEM e seu trio. (2009). Disponível em: <<http://umamaeumamulher.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 jul. 2009.
- MULHER em foco. (2009). Disponível em: <<http://mulher-em-foco.blogspot.com/>>. Acesso em: 22 jun. 2009.
- MULHER E mãe. c2009. Disponível em: <<http://isabeleana.blogspot.com/>>. Acesso em: 5 jul. 2009.
- Mulheres (im)possíveis. (c2009). Disponível em: <<http://mulheresimpossiveis.wordpress.com/>>. Acesso em: 22 jun. 2009.
- MUSSALIM, Fernanda. (2001). Análise do discurso. In: Fernanda Mussalim & Anna Christina Bentes (Org.). Introdução à lingüística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez.
- NASCENDO uma mãe. (2009). Disponível em: <<http://gielucca.blogspot.com/>>. Acesso em: 26 jun. 2009.
- NINI e Bambini. (2009). Disponível em: <<http://niniebambini.blogspot.com/>>. Acesso em: 5 jul. 2009.
- ORLANDI, Eni P. (2003). Análise de discurso: princípios & procedimentos. 5.ed. Campinas: Pontes.

- FERRAREZI, ROMÃO e PACÍFICO – Dizeres sobre o feminino...
- ORLANDI, Eni P. (2006). Análise de discurso. In: Eni P. Orlandi & Suzy Lagazzi-Rodrigues. (Orgs.). Introdução às Ciências da Linguagem: discurso e textualidade. Campinas: Editora Pontes.
- PACÍFICO, Soraya Maria Romano; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. (2008). Arquivo e interdiscurso: o movimento de sustentação e ruptura no gesto de interpretação. In: Lucília Maria Sousa Romão & Nadea Regina Gaspar (Org.). Discurso e Texto: multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação. São Carlos: EDUFSCAR.
- PÊCHEUX, Michel. (1997). Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp.
- PRA RIR...ou pra chorar. (2009). Disponível em: <<http://nathanalacerda.blogspot.com/>>. Acesso em 10 jul. 2009.
- ROMÃO, Lucília Maria Sousa. (2006). O cavalete, a tela e o branco: introdução à autoria na rede eletrônica. Delta. 22 (2). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v22n2/a04v22n2.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2009.
- SANTAELLA, Lucia. (2003). Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus.
- _____. (2004). Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus.
- UMA MÃE em apuros! (2009). Disponível em: <<http://maeapuros.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 jul. 2009.
- WERTHEIM, Margaret. (2001). Uma história do espaço: de Dante à Internet. Tradução de Maria Luiza X de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.